editorial

FREUD CONSTRUIU UM SABER sobre a psicanálise a cada momento em que se deparou com os impasses encontrados em sua experiência clínica. Era a própria clínica que lhe demandava reformulações metapsicológicas. Um saber foi construído, portanto, em decorrência dos impasses que na experiência de análise lhe permitiram perceber o real em jogo, manifestando-se sob a forma de um incurável, sem utilidade nem fim. Ele, de um lado, notou que esse incurável estava a serviço de sua própria repetição; de outro, observou que implicava também o "motor" do desejo.

Assim, introduziu o termo "não-saber" – traduzido em português por "ignorância" – para destacar que a experiência do inconsciente não é um simples "não-saber". Trata-se de um não-saber relativo ao corpo do saber da ciência. No complexo capítulo "Em ti mais do que tu", do *Seminário – livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Lacan discute a relação da psicanálise com a religião e com a ciência. Como conclui, "a análise provém do mesmo status que A Ciência" e "se insere na falta central onde o sujeito se experimenta como desejo"[1]. Questionamos, então: que saber será esse em jogo na experiência analítica que tem íntima relação com o que claudica?

[1] Lacan. *O Seminário – livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964/1979, p. 251).

Ao considerar a experiência do inconsciente como a de um saber inscrito no campo do Outro, Carmen Gallano nos leva a questionar "de que saber se trata na experiência analítica"? Para tentar responder a essa questão, seu trabalho, apresentado no II Encontro da EPFCL, realizado em Salvador entre os dias 13 e 16 de novembro de 2003, cujo tema foi "O sujeito em questão na psicanálise", nos faz refletir sobre a subversão introduzida pela psicanálise no sujeito da ciência. Após distinguir subversão de revolução, Gallano indaga se seria possível uma "revolução psicanalítica que chegasse a perturbar o regime capitalista", para concluir: "aplicada ao sujeito, a revolução seria a insurreição da verdade no discurso do mestre".

Em 1910, Freud escreve o artigo intitulado *Psicanálise silvestre*.[2] Sob esse título bem irônico, questiona as intervenções efetuadas por um médico que quer dar conta da recém-descoberta experiência da psicanálise. Ao se apropriar de um saber dito psicanalítico sob uma forma dita "natural", ou seja, submetendo-o a uma apropriação sem método e dele fazendo uso de forma intempestiva, esse médico tenta desvendar a determina-

[2] Freud. Psicanálise silvestre (1910).

ção sexual dos sintomas de uma jovem viúva. Tal prática leiga e incauta serve de ponto de partida para Freud problematizar a relação de um sujeito com o saber que não se aprende nos livros, nem no ensino universitário. A intervenção "silvestre" caminha na contramão da causa analítica, uma vez que é a própria experiência da análise que ensina.

Assim também, o saber não-sabido, decantado da experiência, ensina a delicada técnica da interpretação e a maneira de lidar com os impasses que a clínica apresenta. Além disso, a psicanálise transforma um sujeito. Efeito do fluxo significante, ele se encontrará descentrado de sua representação; encontrar-se-á, como diz Carmen Gallano, em um lugar Outro.

De um outro ponto de vista, isso leva à constatação de que o saber está vinculado ao sexual definido por um "não há". Trata-se de um saber que nos mostra não haver complementaridade entre os sexos. Além disso, o que se diz está em defasagem com o que se quer. Como nos ensina Lacan, "não há relação sexual". Os impasses do sexual, todavia, indicam que há um enlace do saber com o que rateia. O que claudica, e que nomeamos de satisfação pulsional, com Freud, e gozo, com Lacan, bem pode estar em relação com o mal-estar.

O saber do analista, então, tangencia o real do gozo desconhecido que "anda mal". A experiência da psicanálise exige método e consiste em uma prática regulada no artifício da transferência que se atualiza em seu valor de verdade na presença de um analista, em uma dimensão temporal. É o que nos mostra o trabalho de Ana Laura Prates, *A insondável decisão do ser e o tempo.* Interrogar o inconsciente como saber implica um ato. Pode-se dizer "há psicanalista" quando uma experiência de análise foi sustentada na decifração e no ciframento de um desejo até o momento lógico em que pode, a partir do ato, advir como desejo de analista. É o ato que propicia a emergência de algo de novo no real.

O ato analítico transcende o fluxo associativo do desejo. Ao tangenciar o desejo do analista, o ato analítico permite ao analista estar à altura de sua função e dela autorizar-se. Após o ato, um sujeito, na posição de psicanalisante, não será mais o mesmo, como se pode concluir da leitura do texto de Jean-Jacques Gorog, *A escolha do sujeito no tratamento psicanalítico.*

Pode-se até dizer que o que rateia, claudica, porta a marca da modulação de uma espécie de rememoração atuada ou da repetição, em que o ato projeta o sujeito no futuro. Por isso, diz-se que o instante do ato se traduz em um futuro anterior. Do texto *A escolha do sujeito ou o escolho onde o desejo "es-barra"*, conclui-se que a verdade como meio-dizer pode irromper do encontro da

repetição com os escolhos em que vacila o saber inconsciente articulável em pensamento.

Alguns dos trabalhos aqui publicados resultaram do IV Encontro da EPFCL-Brasil e do II Encontro Latino-Americano da Escola dos Fóruns do Campo Lacaniano, realizado no Rio de Janeiro, sob o tema *As escolhas do sujeito, no sexo, na vida, na morte.* Na ocasião, foram discutidas as determinações simbólicas e as escolhas fortuitas e contingentes do sujeito, algumas possíveis respostas ao mal-estar na civilização, e a ética da escolha e sua dimensão trágica. Tivemos a oportunidade de desenvolver um trabalho crítico com os conceitos fundamentais da psicanálise, apreendido sobretudo em *Entre o saber e o ser, o 'saber fazer' como escolha,* de Beatriz Elena Maya Restrepo, e *A escolha do final,* de Ricardo Rojas.

O trabalho de Michele Roman Faria, *Constituição do sujeito e o complexo de Édipo,* faz um amplo percurso sobre o eixo fundamental da coluna vertebral da teoria psicanalítica: o Édipo em Lacan, lembrando-nos uma de suas frases clássicas: "sem o Édipo, a psicanálise seria um delírio". Andréa Brunetto tece uma profícua discussão sobre a "banalidade do mal", expressão de Hannah Arendt, pela qual nos leva a refletir sobre "a ausência de arrependimento no mal perpetrado ao outro". Ao enveredar no tema bem atual da banalização da violência, Andréa aborda o "destino", a "fatalidade", para se perguntar onde está a liberdade do sujeito.

Na seção *Direção do tratamento,* estão três trabalhos clínicos em que se verifica como os fatos de estrutura são determinantes e produzem seus efeitos contingentes na escolha entre os sexos e na subjetividade. Em *A hombridade feminina,* Bárbara Guatimosin e Zilda Machado discutem as determinações do desejo do Outro sobre a "escolha" do sexo de uma menina/mulher, com base no filme iugoslavo *Virgina,* desde o instante em que, na personagem, "começa a se insinuar assim a posição sexual do sujeito", até o momento em que, referindo-se a uma citação de Lacan de 1974, as autoras concluem que "o ser sexuado não se autoriza senão de si mesmo". Lenita Duarte, em *"Tesão arde? Gozo dói?": uma questão feminina,* mostra como "a pergunta sobre sexo é a que incomoda o sujeito pelo fato de ele ser um sujeito da linguagem. Isso significa que a sexualidade humana não tem nada de natural. Ela é determinada pelo significante". Por sua vez, Nádia Martins, em *Escolha da neurose ou a insondável decisão do ser,* extrai as conseqüências do instante da fantasia e da urgência do ato, ao trabalhar os determinantes dos processos de alienação e de separação que operam no sujeito, informando que "nenhum sujeito falante pode evitar a alienação, que é um destino ligado à fala e que condena o sujeito a uma divisão. Já a separação demanda que o sujeito 'queira' se separar da cadeia de significantes".

Neste número 12 de *Stylus*, optamos por transcrever a mesa de debate *Em torno do passe da EPFCL*, ocorrida em 13 de novembro de 2005 no Rio de Janeiro, por ocasião do Encontro Latino Americano da IF-EPFCL – Brasil. Sob a coordenação de Colette Soler, essa mesa contou com a participação do cartel do passe da EPFCL, representado por Ana Canedo, Dominique Fingermann, Jean-Jacques Gorog, Juan Guillermo Uribe, Sol Aparicio e Patrícia Muñoz (AE), que apresentou seu texto intitulado *Historizar-se de si mesmo.*

Elisabeth Thamer nos enviou gentilmente de Paris, onde mora atualmente, uma resenha sobre o livro *Uma análise com Deus. O encontro de Lacan e Kierkegaard*, de Yves Depelsenaire, recém-lançado e do qual recomenda a leitura. Temos ainda a resenha de Vera Pollo do livro *A guarda dos filhos na família em litígio*, de Lenita Duarte, também recém-publicado, e a de Robson de Freitas Pereira sobre o livro *Vicissitude do objeto*, de Marcus do Rio Teixeira, que apresenta "interrogações sobre a educação das crianças, da prevalência do consumo na atualidade, dos limites e alcance da prática psicanalítica sob a hegemonia do capitalismo, [em que] a posição ética do psicanalista é confrontada não somente com tais questões, mas também e, principalmente, com o debate das conseqüências do discurso científico".

Os textos aqui reunidos asseveram que a experiência de análise opera e avança do efeito à causa, uma vez que a causa resulta da perda induzida pelo próprio significante. Ela atravessa o sujeito e o divide, o que implica convocá-lo a exercer uma posição ativa em relação à sua perda, sendo o próprio desejo um limite que opera sobre a sua liberdade. Por isso, aludimos a um para-além dos limites definidos pelos textos, apostando que a leitura deles pode convocar o leitor a se transportar para um mais-além, a fim de que novas produções e escritos advenham como causa de construção de um saber que se renova.

ELIANE Z. SCHERMANN



referências bibliográficas

FREUD, Sigmund. (1910). Psicanálise silvestre. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1972. Vol. XI.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1979.